

## **Vidas deslocadas: dimensões culturais vivenciadas por migrantes no Brasil<sup>1</sup>**

Rachel De Rosso BUZZONI<sup>2</sup>

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

### **RESUMO**

O Brasil conta com uma das leis de migração mais respeitadas no mundo e o número de solicitações de reconhecimento de refúgio é cada vez mais maior, no entanto, cabe a pergunta: será que os brasileiros estão preparados para se relacionar com os migrantes de maneira humana e empática? Este trabalho visa analisar a questão proposta a partir da análise de três das dimensões culturais apontadas por Hofstede (1991). Por meio de entrevistas realizadas com sírios e angolanos a pesquisa buscou entender a opinião e o comportamento dos mesmos no contexto brasileiro. Os resultados obtidos servem para promover um melhor entendimento sobre a situação dos migrantes que estão no País.

**PALAVRAS-CHAVE:** migração; refugiado; cultura brasileira; inclusão social; dimensões culturais.

### **Introdução**

Segundo relatório divulgado pela Agência da ONU para Refugiados – ACNUR - o deslocamento forçado causado por guerras, violência e perseguições atingiu até o final de 2016, cerca de 65,6 milhões de pessoas. Nos últimos sete anos, o Brasil recebeu 126.102 solicitações de reconhecimento da condição de refugiado<sup>3</sup>. Esses números evidenciam a atual – e preocupante - questão dos fluxos migratórios que pode ser observada por diversos ângulos.

O presente trabalho tem por objetivo refletir sobre tal realidade tendo como pano de fundo o processo multicultural vivenciado por migrantes que estão morando no Brasil. Partindo da contextualização do cenário político e social de dois países distintos

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutoranda em Ciências da Comunicação da ECA-USP, e-mail: [rbuzzoni@gmail.com](mailto:rbuzzoni@gmail.com)

<sup>3</sup> Segundo dados da Secretaria Nacional de Justiça, o termo refugiado refere-se à pessoa que deixa o seu país de origem ou de residência habitual devido a fundado temor de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, como também devido à grave e generalizada violação de direitos humanos, e não possa ou não queira acolher-se da proteção de tal país.

e consciente dos diferentes motivos que levaram os personagens entrevistados a migrarem, a ideia é verificar as três dimensões culturais propostas por Geert Hofstede (1997) a fim de revelar a existência de aspectos em comum (e discordantes) enfrentados pelos migrantes quanto à acolhida e permanência no Brasil.

De acordo com o autor, as diferentes sociedades humanas não tiveram o mesmo nível de desenvolvimento e o crescimento da população mundial foi acompanhado de uma intensa diversificação com relação à forma de estruturação de uma sociedade (HOFSTEDE, 1997, p.26). Somando-se a isso, a atual realidade vivenciada por diferentes grupos que sofrem inúmeras situações de conflito, faz-se necessário compreender não apenas os fatores culturais que separam ou unem as diferentes nações, mas também verificar como a cultura condiciona a percepção de realidades distintas.

Dados da Polícia Federal e do Conare<sup>4</sup> (Comitê Nacional para os Refugiados), conforme aponta o Gráfico 1, registraram que 2017 foi o ano de maior em número de pedidos de refúgio no Brasil.

Gráfico 1 – Solicitações de reconhecimento da condição de refugiado em 2017



Fonte: Polícia Federal

Fonte: Polícia Federal (2018)

<sup>4</sup> Órgão colegiado e interministerial sob a coordenação do Ministério da Justiça, responsável pela análise de reconhecimento da condição de refugiado, em primeira instância, e pelas declarações de cessação e de perda da condição de refugiado.

---

O Brasil desponta como um dos países que conta com uma das leis de migração mais modernas e atuais do mundo (Lei nº 13.445/17). Ampliada no ano passado com a criação de outros tipos de categorias de residência, a nova regulamentação simplificou procedimentos para obtenção da residência no Brasil, além de reconhecer o estrangeiro como apátrida e, após dois anos de residência ele ter a possibilidade de naturalizar-se.

Diante desse cenário positivo, a proposta complementar deste artigo é apontar como as percepções culturais vivenciadas pelos migrantes acolhidos podem auxiliar a sociedade brasileira a entender a identidade destas pessoas e aprimorar suas habilidades para permitir uma interação mais bem-sucedida e eficaz com grupos migratórios. Por fim, manter o Brasil como um país acolhedor que não tem apenas políticas públicas efetivas, mas também uma sociedade respeitosa e humana.

Não se pretende, no entanto, tratar com profundidade aspectos psicológicos, avaliando atitudes e comportamentos, bem como expectativas individuais e próprias fundamentadas na personalidade dos entrevistados. Optou-se por compreender o contexto histórico de cada país de origem e as aspirações e motivações para a migração realizada no Brasil e ainda, por meio da percepção dos entrevistados, analisar as particularidades das dimensões culturais de Hofstede vivenciadas na realidade local.

### **Referencial teórico**

O referencial utilizado é resultado de uma recopilação da literatura e pretende trazer alguns conceitos que permitam compreender aspectos sobre os fluxos migratórios no Brasil que culminaram em solicitações de refúgio, além de traçar um panorama histórico atual sobre a Síria e a Angola - países de origem das fontes entrevistadas. Na sequência serão expostas brevemente as dimensões culturais segundo Hofstede e a justificativa da análise de estudo em cima de três delas.

### **Migrantes Sírios e Angolanos**

O tema da migração e refúgio vem sendo debatido por muitos especialistas e pesquisadores no Brasil. Durante evento realizado pela Fapesp (2018)<sup>5</sup> comentou-se que, quanto mais os países do Norte fecharem as fronteiras para os refugiados, mais

---

<sup>5</sup> Realizado no último mês de junho pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) em parceria com o Instituto do Legislativo Paulista (ILP), Rosana Baeninger, professora e pesquisadora do Núcleo de Estudos da População (Nepe) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) expôs pesquisa realizada em parceria com várias entidades sobre os fluxos migratórios no Estado de São Paulo.

regiões como a América Latina serão o caminho e o lugar de trânsito para esses imigrantes e refugiados. Baeninger (2018) pesquisadora e participante do evento acrescentou que: “o que está por vir não é um volume maior de migrantes, mas sim uma heterogeneidade cada vez mais crescente. São diferentes nacionalidades do sul global”.

De acordo com dados tabulados no Atlas Temático – Observatório das Migrações em São Paulo (2017), o maior fluxo de refugiados no século 21 para a cidade de São Paulo foi da Síria, com 1.030 novos registros no período, seguida de refugiados da República Democrática do Congo (318 refugiados, entre 2000-2016), Colômbia (241), Mali (91), Angola (88), dentre outros. Soma-se a isso, o fato de que, segundo dados da ACNUR, 44% dos refugiados no Brasil têm entre 30 e 59 anos e 71% são homens; essas foram as razões principais pela escolha de entrevistar migrantes sírios e angolanos para o artigo em questão.

### **Contexto histórico da Síria**

Após conseguir a independência do domínio francês, o partido Baath Árabe Socialista entrou em vigor na Síria, até que em 1970, por meio de um golpe de Estado, Hafez al-Assad, na época então ministro da defesa, tomou o poder. O território sírio, conhecido por ser anteriormente o antigo Reino de Israel, levou o povo judeu a lutar pela ocupação do mesmo. A Irmandade Muçumana (grupo islâmico radical) é acusada pelo Partido Baath de apoiar o sionismo, promovendo ataques e sabotagens ao grupo. Em 1982, além de acusar o Iraque de participação no armamento da Irmandade Muçumana, Hafez atacou violentamente os rebeldes, deixando cerca de 20 mil mortos e, em seguida ganhou três eleições seguidas no país. Em meio a seu segundo mandato, 2,8 mil membros da Irmandade são libertados e, no ano seguinte, 2 mil hebreus obtêm sua autorização para livre circulação no país. Com a morte de Hafez, em 2000, seu filho Bashar al-Assad, assumiu o poder e se comprometeu a desenvolver reformas na economia e política do país. Contudo, até o momento Bashar al-Assad não respeita as promessas e cria inúmeras restrições quanto à liberdade de expressão e imprensa, impedindo qualquer tipo de manifestação contrária ao seu governo.

A partir de 2010, inúmeras manifestações contra o governo do presidente Bashar começaram a ocorrer durante toda região, período conhecido como a Primavera Árabe. Os protestos se espalharam, tomando o norte da África e o Oriente Médio. Seguindo os passos de outras nações, os radicais sunitas iniciaram uma força tarefa na intenção de,

por meio de um conflito armado chegar ao poder, mas foram severamente anulados pelo exército sírio. A batalha chegou à capital Damasco, e em 2012 em Aleppo. Alguns desses protestos geraram, inclusive, a realização de eleições e políticas públicas mais viáveis, diante de cenários tão propícios à dominação ditatorial, no mesmo ano, a Cruz Vermelha e a ONU declararam os conflitos no país como guerra civil. No ano seguinte, um ataque químico foi realizado nas proximidades de Damasco, deixando cerca de 1.500 vítimas.

A guerra na Síria é considerada pela ONU, a maior problemática humanitária do século. Com o conflito, quase 80% dos sírios vivem abaixo da linha de pobreza. O Estado Islâmico, grupo sunita extremista tem aproveitado a falta de representatividade efetiva do governo e retoma suas tentativas de apropriação de diversas partes do território.

Com um histórico de, aproximadamente, 500 mil mortes, o conflito na Síria já dura mais de sete anos. Forçados a deixar seus locais de origem, a guerra Síria já tem mais de cinco milhões de refugiados em países vizinhos ao território e, somente no ano de 2017 o Brasil recebeu 823 solicitações de refúgio.

### **Contexto histórico de Angola**

Por conta de grandes riquezas e recursos naturais, a Angola passou a ser um país intensamente explorado. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, iniciou-se o processo de descolonização da África. Em 1950, começou a crescer no cerne da população angolana, uma resistência a Portugal e seu domínio, visando a independência. O movimento se concretizou com um embate armado em 1961, protagonizados por três grupos: MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola) e UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola). Devido à pressão organizada pelos grupos, os governantes retiraram seus exércitos do país e, conseqüentemente, os três movimentos travaram uma batalha armada para assumir a liderança de Angola. Nessa disputa, o MPLA conseguiu apoio de Cuba e da União Soviética, que enviaram soldados para auxiliar no combate. A FNLA ganhou apoio do antigo Zaire, que disponibilizou um exército, e dos EUA. E por fim, a UNITA, obteve suporte do regime do apartheid, da África do Sul.

Com a guerra instaurada, muitos portugueses que ali residiam, deixaram o país e a economia se desestabilizou. No dia 11 de novembro de 1975, o MPLA declarou a

independência de Angola em Luanda e FNLA e UNITA, em Huambo. Com intenção de reestabelecer a paz no País, o governo português propôs os chamados Acordos de Alvor entre os movimentos, que previam a participação dos três grupos no poder do país. Contudo, o objetivo não foi alcançado e se iniciou a Guerra Civil angolana. Após inúmeras tentativas de pacificação, em 1991 foram assinados os Acordos de Bicesse, que estipulavam eleições presidenciais para o ano seguinte com mediação da ONU.

Como resultado das eleições, José Eduardo dos Santos do MPLA obteve 49,57% dos votos contra 40,6% de Jonas Savimbi - o que resultaria em um segundo turno, pois de acordo com a lei eleitoral de Angola para ser eleito presidente o candidato deveria ter mais de 50% dos votos - no entanto, Santos assumiu a presidência, causando insatisfação da UNITA que levou o grupo a reassumir a guerra por aproximadamente 27 anos, envolvendo praticamente o país inteiro. Com cerca de 1,5 milhão de pessoas mortas e dois milhões forçadas a deslocar-se interna e externamente, o final do conflito foi marcado pela morte do líder de UNITA, Jonas Savimbi, em 2002.

Já em 2010, para manter-se no poder, Santos mudou a Constituição, afirmando que as eleições presidenciais não seriam mais por candidatos e sim por partido. Por 25 anos o país viveu em regime totalitário com o mesmo presidente e que proibia qualquer tipo de manifestações opostas ao seu governo. Em setembro de 2017, o ex-ministro da defesa de Angola, João Manuel Gonçalves Lourenço, foi eleito presidente do país, contudo o MPLA permanece no poder.

### **Solicitações de refúgio**

Conforme já pontuado, são muitos os motivos que levam indivíduos e famílias inteiras a solicitarem refúgio e deslocarem-se para outros países e destinos. Dados da ACNUR apontam que estamos testemunhando os maiores níveis de deslocamento já registrados até o momento. Cerca de 65,6 milhões de pessoas em todo o mundo foram forçadas a sair de casa, entre elas estão quase 22,5 milhões de refugiados e mais de metade são menores de 18 anos. Há também 10 milhões de pessoas apátridas<sup>6</sup> às quais

---

<sup>6</sup> De acordo com a Secretaria Nacional de Justiça, o apátrida refere-se à pessoa que não tem nacionalidade reconhecida por nenhum país. A apátrida ocorre por diversas razões, como discriminação contra minorias na legislação nacional, falha em reconhecer todos os residentes do país como cidadãos quando este país se torna independente (secessão de Estados) e conflitos de leis entre países.

---

foram negadas a nacionalidade e o acesso a direitos básicos como educação, saúde, emprego e liberdade de circulação.

De acordo com Bauman (2016), a humanidade está de fato em crise e não existe outra saída para ela senão a solidariedade entre os seres humanos. Bauman (2016, p. 24) afirma que “o primeiro obstáculo no caminho para abandonar a alienação mútua é a recusa ao diálogo, o silêncio nascido da autoalienação, da insensibilidade, da desatenção, do desprezo e, em termos gerais, da indiferença”. Mas a questão que se coloca é seguinte: será que a sociedade brasileira auxilia e facilita a acolhida dos migrantes? Segundo Baeninger, o preconceito está presente não só no processo histórico brasileiro de racismo, vinculado a raça e cor, mas também com países que não são a preferência da sociedade.

Sylvia Dantas<sup>7</sup>, presente no evento realizado na Fapesp, comentou que muitos migrantes ficam completamente chocados quando são vítimas de racismo no Brasil. Eles dizem que não esperavam situações de preconceito em um país como o nosso, onde a maior parcela da população composta por negros e pardos. Segundo Dantas “o perigo de não levarmos para a sociedade as informações que preparem para as políticas sociais é justamente o aumento da discriminação e do preconceito chegar a uma xenofobia cada vez mais evidente na sociedade”. Para ela, entender processos migratórios é perceber também aspectos humanos e conclui: “entender o impacto que o ato de migrar, ou de se refugiar, tem e suas implicações psicológicas são fundamentais no sentido de compreender algo que faz parte da gente e que até então poderia não ser percebido”.

Além dessa questão sobre como as questões discriminatórias afetam psicologicamente os migrantes, a pesquisadora Carmem Lussi, apontou para outro aspecto que também será observado neste artigo:

Pessoas estrangeiras que se encontram em determinadas situações de vulnerabilidade, como é o caso da condição migratória irregular, do isolamento por não conhecimento do idioma ou por formas de exclusão social ou cultural, podem estar mais expostas aos riscos de violações de direitos por causa de suas desigualdades não reconhecidas pelas políticas públicas. (LUSSI, 2015, p.137).

---

<sup>7</sup> Coordenadora do Núcleo de Pesquisa e Orientação Intercultural da Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

---

Partindo, portanto, dessas duas importantes questões, se faz necessário abordar os estudos sobre cultura e valores nacionais de Hofstede (1994), nos quais esta pesquisa se baseia.

### **As dimensões culturais de Geert Hofstede**

Entre 1967 e 1973, a partir de uma extensa pesquisa realizada nas subsidiárias de 71 países da IBM, Hofstede examinou a diferença de valores nessa empresa defendendo que o impacto da nacionalidade nas práticas gerenciais é significativo. Hofstede (1983) identificou pelo menos três razões que ratificam seu pensamento. A primeira é política, pois nações são vistas como unidades políticas, com o seu próprio conjunto de regras e forma de governar – além da educação –, e todos compartilham as mesmas raízes históricas. A segunda razão é sociológica, pois nacionalidade e regionalismo trazem valores simbólicos significativos para os indivíduos. Por fim, a terceira é a razão psicológica, pois está implícito que a nossa maneira de pensar e agir está condicionada parcialmente pelos valores e pela cultura nacional ou regional (HOFSTEDE, 1980; TANURE, 2005). Em seu primeiro trabalho, o pesquisador identificou quatro dimensões culturais e, posteriormente, acrescentou uma quinta. As dimensões identificadas por Hofstede (1991) são: a) a distância de poder; b) o grau de individualismo ou de coletivismo; c) o grau de masculinidade ou feminilidade; d) a necessidade de controlar as incertezas; e) a orientação a longo ou curto prazo. Recentemente, em 2010, acrescentou a sexta dimensão – indulgência *versus* restrição.

Neste artigo são utilizadas três das seis dimensões criadas pelo autor e como elas afetam diretamente os migrantes que aqui chegam, com base em perguntas pré-selecionadas e tabuladas de acordo com cada uma das dimensões abordadas, são elas:

**Distância do poder:** representa o nível de tolerância dos membros influentes de organizações e instituições (como a família) em aceitar e esperar. Esta dimensão está ligada às relações de poder, autoridade e dependência. Culturas com alta distância hierárquica seriam caracterizadas pela dependência dos indivíduos em relação aos níveis superiores e pelo poder autocrático, paternalista. Segundo Hofstede, poder e desigualdade são fatos fundamentais de qualquer sociedade e qualquer pessoa com alguma experiência internacional estará atenta que “todas as sociedades são desiguais, mas algumas são mais desiguais que outras” (Hofstede e McCre, 2004).

---

**Resistência à incerteza:** trata da intolerância de uma sociedade em relação à ambiguidade; o grau de inquietude dos seus habitantes face às situações desconhecidas. Culturas que evitam incertezas tentam minimizar a possibilidade de tais situações por lei e regras rígidas. As culturas que aceitam as incertezas são mais tolerantes a opiniões diferentes e permitem correntes de pensamento fluírem livremente, principalmente na aceitação dos estrangeiros em solo brasileiro.

**Individualismo/Coletivismo:** refere-se ao grau em que as pessoas são integradas em grupos; o individualismo caracteriza as sociedades nas quais os laços entre os indivíduos são pouco firmes; cada um deve ocupar-se de si mesmo e da sua família mais próxima. Nas sociedades coletivistas, as pessoas são desde a criação até a maturidade integradas em grupos fortes. A palavra coletivismo não tem viés político, recorre-se ao grupo e não ao Estado. Mede, portanto, o quanto as pessoas recorrem e se engajam em grupos, o quanto cuidam primeiramente de si em detrimento do coletivo.

### **Metodologia**

Conforme mencionado anteriormente, o presente artigo tem como objetivo principal analisar a influência de três das seis dimensões culturais criadas por Hofstede no dia a dia de migrantes acolhidos no Brasil. Partindo do cenário macro no qual nacionalidades sírias e angolanas continuam em maior número quanto à solicitação de refúgio no País, optou-se por entrevistar migrantes homens que estão morando na mesma cidade, no mesmo período de tempo e com idades aproximadas.

Trata-se de uma sondagem na qual a técnica utilizada para a coleta de dados foi a entrevista pessoal. Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, este método permite uma obtenção de dados mais detalhados e possibilita captar os motivos conscientes para opiniões (Marconi e Lakatos, 2002).

Ao total foram realizadas seis entrevistas durante o mês de junho de 2018: três com migrantes angolanos e três com migrantes sírios, todos acima de 30 anos, moradores da cidade de São Paulo, na condição de refugiados, com permanência mínima de dois anos e máxima de cinco anos. Todas as entrevistas tiveram duração de 30 minutos e foram gravadas. Antes de cada entrevista, procurou-se explicar o objetivo e relevância do tema, bem como a garantia de confidencialidade das informações e relatos transmitidos. Feito isto, as entrevistas foram transcritas e as respostas foram avaliadas e categorizadas de acordo com constructos do referencial teórico. A proposta

principal foi encontrar pontos em comum e/ou discordantes referentes às dimensões de Hofstede vivenciadas pelos entrevistados com relação à cultura brasileira.

Além das dimensões selecionadas de Hofstede (1997), a entrevista também buscou extrair informações relacionadas às motivações que levaram os migrantes a deixarem o país de origem, bem como a escolha do Brasil como país de destino.

A fim de apresentar um contexto mais claro e objetivo, a Tabela 1 contém um breve perfil de cada entrevistado.

Entrevistados	País	Idade	Instrução	Por que escolheu o Brasil?	Desafios ou perspectivas futuras
João*	Angola	38	ensino superior; trabalhava em ONG	facilidade com o idioma	terminar a faculdade e constituir família
Pedro	Angola	34	segundo grau completo; não trabalha	informações que tinha sobre o Brasil	mudar de país
Matias	Angola	35	ensino superior; trabalha em ONG	informações que tinha sobre o Brasil e indicação	terminar a faculdade e conseguir trabalho na área
Antônio	Síria	30	ensino superior completo, possui negócio próprio	programa de acolhimento na situação de guerra	validar diploma do ensino superior para trabalhar na área
Paulo	Síria	32	ensino superior completo, possui negócio próprio	programa de acolhimento na situação de guerra	validar diploma e visitar família na Síria
Roberto	Síria	34	ensino superior completo, possui negócio próprio	programa de acolhimento na situação de guerra	continuar trabalhando e constituir família

**Fonte:** a autora

(\*): os nomes foram trocados para proteger a identidade dos migrantes entrevistados

Antes de iniciar a análise das dimensões com cada migrante, cabe comentar brevemente sobre dois conceitos importantes que auxiliarão a compreender algumas

---

diferenças sociais presentes nos depoimentos dos entrevistados: a questão do multiculturalismo e da interculturalidade.

De acordo com Barbosa (2009), as sociedades têm tratado a diferença de duas formas distintas: ou hierarquizando-a e, conseqüentemente inferiorizando-a; ou assimilando-a e neste caso dissolvendo-a em um contexto mais amplo. Segundo as autoras, “vivemos num ambiente multicultural no qual vários diferentes ocupam um mesmo espaço e nos propomos a lidar e gerir esta diferença sem neutralizá-la ou dissolvê-la” (BARBOSA, 2009, p. 167).

Os termos interculturalidade e multiculturalismo são conceitos que tentam dar conta dessa questão. Com relação à interculturalidade, apesar de ser mais voltada para a diferença organizacional, está ligada à tradução de uma cultura para outra. Com o avanço da globalização, o contato intercultural, até então restrito aos segmentos mais elevados das organizações expandiu-se e rotinizou-se (...) trabalhar em e com times multiculturais (...) passou a ser parte integrante do cotidiano organizacional (BARBOSA, 2009, p. 169).

Já o multiculturalismo, possui duas linhas de raciocínio claras e a partir delas foi explorada a análise das dimensões culturais com os entrevistados: alguns autores defendem o valor intrínseco da diferença como o mais importante aspecto da sociedade multicultural, sendo que reconhecer significa aceitar a existência do outro sem compromisso maior com o estabelecimento de sínteses entre os diferentes; já a outra linha defende que o reconhecimento da existência da diferença não é suficiente para que uma sociedade saiba como lidar com ela. Honneth (1998) propõe que, ao invés da simples aceitação do outro, deveria ser criado um elo comum, uma sociabilidade que incluía ambos (BARBOSA, 2009, p.168).

Avaliar a possível existência desse elo, com características mais solidárias, foi o ponto de partida para iniciar a conversa com os migrantes. Iniciou-se a entrevista com perguntas mais abrangentes sobre as motivações para virem ao Brasil e como estão inseridos na sociedade atualmente – tanto economicamente, como socialmente. A partir do conteúdo das respostas, desenvolveram-se outras questões mais específicas com relação à cada uma das dimensões de Hofstede.

A diferenciação foi um dos pontos levantados por todos os entrevistados, quando se passou a avaliar a relação dos níveis superiores de poder e desigualdades encontrados no País, pontos relacionados à **distância do poder**. No caso dos sírios,

todos disseram que apesar da crise econômica, o Brasil é um país acolhedor ao estrangeiro – todos têm negócio próprio e não enfrentam discriminação religiosa ou qualquer outro tipo de desigualdade, apesar de sentirem uma diferenciação cultural muito grande. Já um dos entrevistados angolanos João comentou o oposto: *“o negro em si já sofre discriminação, e eu que sou estrangeiro e negro, sinto isso, pois estou imerso em uma sociedade cheia de falsidade, que é o Brasil”*.

Partindo da proposta de avaliar o grau da tolerância de uma sociedade em relação à ambiguidade, ou seja, com relação à **resistência a incerteza** – observou-se a questão da língua como principal barreira cultural para a participação mais efetiva – no caso dos sírios – na sociedade brasileira, o que leva a crer que muitas vezes, o migrante pode não falar/participar, não por não ter opinião, mas por não saber expressar-se corretamente. Tal comportamento foi observado na fala do entrevistado Antônio quando afirmou que: *“o grande problema de relacionamento é a língua, o idioma. Era no início e continua sendo. Não sei falar algumas expressões até hoje”*. Já para Matias, apesar da mesma língua nativa, a resistência quanto ao desconhecido era percebida no início, principalmente quando reforçou que: *“já aconteceu de eu não opinar por não ser daqui e eu concordei de certa forma, respeitei o lugar de fala, mas atualmente, eu vivo aqui e agora, é claro que eu posso opinar”*.

Esta discriminação apontada pelo entrevistado angolano evidencia o que Carmem Lussi entende como pelo termo desigualdade<sup>8</sup>. Segundo a autora, as desigualdades que discriminam e excluem têm relação com a vulnerabilidade: “ser migrante ou refugiado, por si só, não significa ser vulnerável, mas a migração pode representar uma condição que favorece e até leva a pessoa a passar por situações de vulnerabilidade” (LUSSI, 2015, p. 136).

Na terceira dimensão avaliada, **individualismo/coletivismo**, procurou-se compreender a desigualdade enfrentada pelos migrantes por serem de outra nacionalidade e as perguntas partiram do pressuposto que muitos deles só conseguem poder de fala, quando na companhia de outros migrantes. Para alguns entrevistados sírios, o relacionamento com os brasileiros ocorreu de maneira mais fácil, pois alguns

---

<sup>8</sup> Consideramos aqui o termo “desigualdades” com um sentido amplo, referido a situações ou características pessoais ou coletivas sociais ou culturais que determinam a presença de alguma forma de alteridade em uma relação ou em um contexto específico, em que a alteridade é interpretada e utilizada como desvantagem para os sujeitos que a vive ou representa e até mesmo leva a tratar tais sujeitos com discriminação ou exclusão (LUSSI, 2015, p.136)

migrantes chegaram ao país por meio de um projeto brasileiro específico de acolhida. Isso ficou claro na fala do entrevistado Paulo quando disse que: *“na verdade, os brasileiros são receptivos, recebem bem os estrangeiros, não têm aquela maneira de ficar longe de estrangeiro, caso ele fale errado. Para me adaptar, não foi difícil não. Temos muitas coisas parecidas, mas é porque sou jovem”*. Já para dois angolanos entrevistados as desigualdades ainda persistem quando disseram que: *“não importa se você está em grupo ou não, o brasileiro, em sua maioria, não vê com bons olhos o estrangeiro”* (João) e *“aparentemente é tido como um povo acolhedor, mas convivendo com estes, você acaba percebendo que não é bem vindo, então, em grupo ou não, você tem que provar que sabe para ser supostamente valorizado* (Pedro)”.

Ainda de acordo com o que Carmem Lussi apontou sobre alteridade, o modo com o qual os migrantes e refugiados aportam às sociedades de destino é fator de enriquecimento para todos os atores que as integram, mas não sem riscos de conflitos, por causa da intrínseca complexidade dos processos multiculturais (LUSSI, 2015). Percebe-se isso, na fala de João, para quem o brasileiro sente pena das pessoas que mencionam ser “africanos”. Segundo ele, *“a ignorância do povo faz com que estes não corram atrás do conhecimento real para assim aprenderem sobre o continente africano em si, e acabam se contentando com as informações falsas que possuem”*.

### **Análise e proposições finais**

O objetivo central proposto no presente trabalho foi refletir sobre a realidade de alguns migrantes que estão morando no Brasil, tendo como pano de fundo o processo multicultural vivenciado por eles em sua relação a integração com a sociedade brasileira. Os resultados encontrados nos dão pistas sobre o processo de adaptação dos migrantes, apresentando aspectos em comum e discordantes enfrentados por eles quando são acolhidos e também durante sua permanência no país.

A contextualização do cenário político e social da Síria e da Angola foi importante para compreender os motivos pelos quais os entrevistados deixaram seu país de origem. Contudo, a comparação de três dimensões culturais propostas por Geert Hofstede (1997) se deu em uma amostra muito pequena. Desta forma, as questões desenvolvidas servem para estudos futuros principalmente envolvendo migrantes de outros países, cujos conflitos refletem outros tipos de ameaça e motivações pessoais.

---

De todo modo, as dimensões culturais de Hofstede escolhidas trilharam um norte temático com o qual os entrevistados sentiram necessidade de expor sentimentos e algumas dúvidas pessoais - não apenas no tocante aos temas tratados, mas a outros assuntos mais enraizados que justificam suas respostas, escolhas e caminhos.

A partir das questões elaboradas com relação à distância de poder, por exemplo, alguns angolanos expressaram pontos que, na opinião deles, estão claramente ligados à discriminação racial. Por conta disso, enquanto dois deles ingressaram no ensino superior e estão se adaptando a uma nova vida, Pedro desabafou que já sofreu tanto preconceito, dificuldade de relacionamento e integração que pretende sair do Brasil.

Já os entrevistados sírios - que saíram do seu país de origem no auge da guerra e vieram para cá dentro de um programa específico de acolhimento - quando questionados sobre a dimensão de resistência à incerteza, comentaram que conseguiram iniciar negócios próprios e apenas buscam ajuda para validar o diploma do curso superior.

Este resultado evidencia outra questão que não foi abordada neste artigo, mas que pode servir como sugestão para estudos futuros que foi a dificuldade de integração e acolhimento apontada pelos angolanos. Frente a isso seria possível verificar a causa do porque os migrantes pretendem ir para outros destinos? Questiona-se isso, pois, dados da Polícia Federal apontam que dos 10.145 refugiados reconhecidos pelo estado brasileiro, atualmente 5.134 residem em território nacional – sendo 35 % sírios e 52% residindo no Estado de São Paulo.

Verifica-se, portanto, que o Brasil, em teoria, é um país aberto para todos, mas que em realidade, apesar de inúmeras solicitações de refúgio, os migrantes não conseguem desenvolver relacionamentos multiculturais sólidos com boa parte da população local. Esta visão reflete-se na afirmação de João, um dos entrevistados angolanos, que terminou seu depoimento afirmando: *“o povo brasileiro é um povo que usa mal a liberdade que possui”*.

## Referências

3ª edição do relatório do CONARE “**Refúgio em Números**”. Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/dados-sobre-refugio-no-brasil/>>. Acesso em: 23 jun. 2018.

---

BAENINGER, R e FERNANDES, D. **Atlas Temático - Observatório das Migrações em São Paulo** – Migrações Internacionais. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2017.

BARBOSA, L. e VELOSO, L. A cultura do outro: interculturalidade nas organizações. IN **Cultura e diferença nas organizações**. São Paulo: ESPM, 2009.

BARROS, T. e PRATES, M. A. S. Capítulo 1- Conceitos Básicos e Capítulo 2 - Sistema de Ação Cultural Brasileiro. IN **O estilo brasileiro de Administrar**. São Paulo: Atlas, 1996

BAUMAN, Z. **Estranhos à nossa porta**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

HALL, S. Capítulo 4. Globalização IN **A identidade cultural na pós- modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

\_\_\_\_\_. Capítulo Estudos Culturais: dois paradigmas. IN **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

\_\_\_\_\_. **Stuart Hall, a partir da e na América Latina**. Revista Matrizes. São Paulo: ECA/USP. Vol. 9, Julho/Dezembro 2015, p. 47 – 65

HOFSTEDE G. – Capítulos 1 e 2 – Culturas Nacionais. IN **Culturas e organizações: compreender a nossa programação mental**. Lisboa, 1997.

LOPES, A. L. e HILAL, A. **Cultura organizacional sob o prisma das teorias de cross-culture: um estudo de caso brasileiro**. Lisboa: Revista Economia Global e Gestão v.16 n.3, dez. 2011

LUSSI, C. **Políticas públicas e desigualdades na migração e refúgio**. Revista Psicologia USP, volume 26, nº 2, p. 136 – 144, 2015.

MARCONI, M.A e LAKATOS, E.M. **Técnicas de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

PACHECO LACERDA, D. **Cultura organizacional: sinergias e alergias entre Hofstede e Trompenaars**. Rio de Janeiro: Revista de Administração Pública. RAP, FGV, Set/Out 2011.

TANURE, B. Cap. 1 – Por que estudar o estilo brasileiro de gestão? – p. 15 – 27. IN **Gestão à Brasileira: somos ou não diferentes?** São Paulo: Atlas, 2ª. edição, 2005.